

AS MARÉS DE AVENTURA: O SURFE NO MUNICÍPIO DE SALINÓPOLIS ENTRE AÇÕES E POSSIBILIDADES¹

Recebido em: 07/05/2018

Aceito em: 22/11/2018

*Emilly Yasmin Corrêa Dias*²

*Patrícia de Araújo*³

Universidade do Estado do Pará

Belém – PA – Brasil

RESUMO: O presente trabalho apresenta análises acerca das políticas públicas de incentivo ao surfe no município de Salinópolis/PA, apresentando o espaço da cidade como local propício para o desenvolvimento deste esporte. A metodologia consistiu em consulta bibliográfica, pesquisa de campo realizada através de observação e perguntas semi estruturadas que destacaram as falas de nove colaboradores, sendo sete atletas presentes no *ranking* estadual (2017), e dois gestores de ações de incentivo ao surfe no município. Foi utilizada uma abordagem fenomenológica, de enfoque qualitativo, e o método da análise de conteúdo (BARDIN, 2011). Para compreender os aspectos desta pesquisa foram utilizados Mascarenhas, (2007); Bahia e Nascimento, (2014) no âmbito do lazer e políticas públicas, Ribeiro (2003), Knijnck e Cruz (2010) e Dias (2008) para a trajetória histórica do surfe; Santos (1996; 2015) e Brunhs (1997) para a apropriação espacial. Os resultados apontam que, apesar da visibilidade e do reconhecimento dos atletas salinopolitanos, não ocorre investimento do poder público para o surfe em Salinópolis/PA, sendo que o desenvolvimento e apoio à modalidade depende da mobilização de associações. Conclui-se que, por não haver investimento do poder público voltado para o surfe em Salinópolis/PA, mesmo o meio ambiente sendo favorável à prática desse esporte, vê-se como relevante a criação de projetos voltados ao surfe que envolvam o ambiente natural da cidade em programas de lazer e preservação ambiental.

PALAVRAS CHAVE: Esportes. Atividades de Lazer. Políticas Públicas. Esportes Aquáticos.

THE TIDES OF ADVENTURE: SURFING IN THE MUNICIPALITY OF SALINÓPOLIS BETWEEN ACTIONS AND POSSIBILITIES

ABSTRACT: The present work presents analyzes about the public policies of incentive to surf in the city of Salinópolis/PA, presenting the space of the city like place favorable

¹ Artigo premiado no III Congresso Brasileiro de Estudos do Lazer/XVI Seminário “O Lazer em Debate”, realizado em Campo Grande/MS em 2018.

² Acadêmica do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade do Estado do Pará (UEPA).

³ Professora Assistente III da UEPA. Doutora em Pedagogia da Educação física, Mestre em Motricidade Humana, Licenciatura em Educação Física e Pedagogia. Professora orientadora.

for the development of this sport. The methodology consisted of bibliographical consultation, field research conducted through observation and semi-structured questions that highlighted the statements of nine collaborators, seven athletes present in the state ranking (2017), and two managers of actions to encourage surfing in the city. A phenomenological approach, with a qualitative approach, and the content analysis method (BARDIN, 2011) were used. To understand the aspects of this research were used Mascarenhas, (2007) and Bahia and Nascimento (2014) in the ambit of leisure and public policies, Ribeiro (2003), Knijnck e Cruz (2010) and Dias (2008) for the historical trajectory of surfing; Santos (1996, 2015) and Brunhs (1997) for spatial appropriation. The results show that, despite the visibility and the recognition of the salinopolitan athletes; there is no public investment for surfing in Salinópolis/PA, and the development and support of the sport depends on the mobilization of associations. It is concluded that, because there is no public investment focused on surfing in Salinópolis/PA, even if the environment is favorable to the practice of this sport, it is relevant to create projects focused on surfing that involve the natural environment of the city in programs of leisure and environmental preservation.

KEYWORDS: Sports. Leisure Activities. Public Policy. Water Sports.

Introdução

O surfe⁴ identificado como atividade da cultura corporal na cidade de Salinópolis (PA) é um dos esportes de aventura mais praticados pelos moradores e visitantes desse município. A partir de tais aspectos surgiu a inquietação para se compreender como o surfe estava sendo gerido na cidade e quais políticas públicas existem para essa modalidade. O surfe vem sendo praticado na cidade desde 1980. Historicamente, sua trajetória conta com atletas de significativa visibilidade nos *rankings* estadual, nacional e internacional. Este estudo, portanto, é pioneiro ao contar parte importante do histórico do surfe no estado do Pará.

O surfe, como esporte aquático, no contexto mundial, veio ganhando espaço na sociedade brasileira nos últimos anos, e sua ascensão gera diversos diálogos, fruto da

⁴ O esporte consiste em manter-se em equilíbrio numa prancha conduzida por uma vaga de rebentação. Fonte: Dicionário PRIBERAM da Língua Portuguesa, disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/surf>. Acesso em: 26 set. 2017.

trajetória histórica exitosa da modalidade, mas que também é marcada por preconceitos e discriminações.

A cidade de Salinópolis naturalmente acolheu o esporte em seu território, e Salinas, como a cidade é comumente chamada, se destaca por uma riqueza natural extensa, como as praias, rios, furos, igarapés, mangues e dunas. Localizada na região nordeste do Pará, zona fisiográfica do salgado, é banhada pelo Oceano Atlântico, sendo por isso favorável ao desenvolvimento do turismo, da pesca, e de atividades como esporte e lazer na natureza.

Moradora da cidade até os 17 anos, inspiro-me no sentimento de pertença a Salinópolis, e a possibilidade de ser agente de mudança na sociedade, pois: “A população se constitui na mais importante ferramenta já que é depositária de informações, registros êmicos e sentimentos afetivos, resultado de uma relação com base na topofilia”⁵ (ANDRADE, 2008, p.571).

Para traçar as análises, o estudo externo consistiu em verificar as políticas públicas de incentivo aos praticantes de surfe no município. Para tal, fez-se necessário identificar quem são os responsáveis pela promoção do esporte surfe na cidade de Salinópolis; assim, foi averiguada a chegada do surfe em Salinas, de modo a investigar quais políticas públicas estão relacionadas à perpetuação do esporte no município.

A relevância do estudo consiste em fazer análise e discussão do que se tem desenvolvido do patrimônio natural e cultural da região, pois, quando moradora da cidade, pude participar de vários projetos sociais que almejavam a socialização de jovens e sua retirada das ruas e dos locais de risco. Propondo que este trabalho possa servir de base de sustentação para a fomentação de políticas públicas; seja de gestores,

⁵ A definição de “topofilia” é o “elo afetivo” entre uma pessoa e um lugar ou um ambiente físico. Seu contrário é a “topofobia”, sentimento de aversão a um lugar ou a um ambiente natural.

ou de moradores da região que estejam dispostos a contribuir para o desenvolvimento dos esportes, em específico o surfe – que apesar de praticado – ainda carece de embasamento teórico no Pará.

O conteúdo do trabalho pretende desvelar dados sobre as características ambientais que tornam o município propício para a prática do surfe, sendo ele o primeiro a ser desenvolvido; por conseguinte, a trajetória histórica do surfe foi feita a partir da contribuição das falas de atletas e praticantes, e por fim são discutidas as questões sobre as políticas públicas de esporte e lazer para o surfe.

Conceitos, Procedimentos e Situações Metodológicas

A pesquisa pode ser caracterizada como um estudo qualitativo, de acordo com Minayo (2010), já que as análises respondem a questionamentos particulares inerentes aos sujeitos do estudo. Para compor a pesquisa, foram realizadas três fases, sendo que a primeira consistiu em um levantamento bibliográfico que buscou na literatura o referencial teórico com os temas “esportes de aventura; surfe; lazer; meio ambiente”, tendo sido utilizadas a plataforma digital Scielo e as revistas “Pensar a Prática” e “Licere”, além da biblioteca do Curso de Educação Física-UEPA. O segundo momento se deu com o trabalho de campo, na perspectiva de Thompson (1998) e Prins (1992), pautada na história oral para a preservação e valorização da memória, etapa realizada por meio de observação e entrevistas semiestruturadas com pessoas nativas da cidade, praticantes de surfe e gestores do esporte, no período de julho a outubro de 2017, visitando o cenário das competições e, posteriormente, convidando-os para participar da pesquisa.

Vale ressaltar o quanto um meio marcado fortemente pela presença masculina pode apresentar obstáculos e situações nas quais qualquer preparo metodológico não habilita uma mulher pesquisadora a encarar questões de assédio, que foi uma das principais dificuldades da pesquisa, além da distância entre capital e o município já que a pesquisa não conta com financiamento de nenhuma natureza, salvo os da própria pesquisadora.

Por fim, foram selecionados nove colaboradores, divididos em dois grupos, sendo sete praticantes de surfe, com idade mínima de 18 anos, presentes no ranking estadual na categoria *Open* (dois colaboradores) e máster (cinco colaboradores precusores), e dois gestores responsáveis pelas políticas de fomento para o surfe no município. Na última fase da pesquisa foram feitas as análises das respostas cedidas pelos interlocutores. Para manter a integridade dos sujeitos e a validação da pesquisa todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cidade de Salinópolis – nomenclatura originada das várias salinas que existiam na região, para a extração e fabricação do sal de cozinha – tem o termo Salinas como o mais utilizado para designar o município. Localizado na microrregião do salgado, sua população, de acordo com o senso IBGE-2015, é de aproximadamente 40 mil habitantes. Distante cerca de 220 quilômetros de Belém (PA), sua economia gira em torno do turismo e da pesca, sendo um dos municípios mais visitado nas férias escolares. A cidade apresenta uma riqueza natural extensa com praias, rios, furos, igarapés, mangues e dunas.

O ambiente da cidade é compreendido como um fator relevante a ser considerado, pois:

As experiências íntimas do corpo com a natureza, numa perspectiva subjetiva, expressam em alguns casos uma busca de reconhecimento do espaço ocupado por esse corpo na sua relação com o mundo, uma revisão de valores bem como o encontro muito particular do homem com ele mesmo [...]. Essas experiências conduzem a uma aproximação, a um reconhecimento da natureza pelo qual nos conhecemos (BRUHNS, 1997, p.136).

O domínio da natureza pela atual civilização esteve assegurado em uma relação pautada na soberania do homem sobre o meio natural. Apesar da troca de valores existentes na relação homem-natureza, a ocupação espacial humana trouxe diversas consequências para o meio ambiente. Verificamos os impactos causados pela ação do homem no meio ambiente e Salinas não esteve distante desse processo. A praia do Atalaia localizada na zona leste de Salinópolis, por ser a mais visitada pelos turistas sofre com poluição sonora e visual, pois ali o tráfego de carros é liberado, fenômeno incomum nas praias, o que gera muitas críticas pela gravidade dos impactos ambientais no município.

O Conselho Nacional de Meio Ambiente (CONAMA), na resolução 001/86, diz que são considerados impactos ambientais quaisquer alterações qualquer forma de matéria ou energia resultante das atividades humanas que, direta ou indiretamente, afetam “a saúde, a segurança e o bem-estar da população; as atividades econômicas; a biota; as condições estéticas e sanitárias do meio ambiente; e a qualidade dos recursos ambientais” (BRASIL, 1986, p. 1). Ou seja, em Salinas encontramos várias infrações ambientais causadas pela conduta humana em sua dinâmica espacial, sendo salientado por Santos (1996, p.71) que “O espaço é o resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais”. Porém, como destaca o autor, existe um caminho que pode conduzir a melhorias estruturais na sociedade, que é a conscientização através da educação.

Marinho (2004) afirma que existe a possibilidade de educar as pessoas por meio de experiências ao ar livre, para elas serem capazes de reconhecer e respeitar a natureza, e então modificar seu comportamento em relação ao cuidado com o lixo, ao desperdício de água e energia elétrica, à aceitação ao próximo e, principalmente, à conscientização ambiental. Enxergamos o surfe enquanto cultura corporal, objeto de estudo da educação física, termo sugerido no livro (*COLETIVO DE AUTORES, 2012*), estando pautado nas relações socioculturais do corpo em movimento, compreendendo as crenças, costumes e valores pertencentes ao homem em sociedade. É papel da Educação Física criar e reinventar sentido e significado para as práticas corporais relativas à cultura da região, investir em estudos que propiciem vivências relacionadas ao cotidiano da população, o que significa traçar planos para a construção crítica e reflexiva acerca de suas ações.

As condições ambientais que tornam as praias propícias à prática do surfe em Salinas estão baseadas nos estudos de Ranieri (2014), que buscou compreender a morfodinâmica costeira de Salinópolis, e categorizou-a subdividindo-a em regiões: a oeste (praias da Corvina e Maçarico), a do centro (praia do Farol Velho) e a leste (praia do Atalaia). A variação de marés é constante, especialmente nas praias do centro e leste de Salinas, que estão expostas ao mar aberto e, em função disso, a hidrodinâmica e a morfodinâmica das praias tornam as ondas favoráveis para a prática do surfe.

As praias são ambientes naturais que foram degradados com a ação humana, mas através do surfe e outros esportes que contemplem os espaços naturais em suas práticas, podemos almejar uma mobilização maior no que diz respeito à preservação e à conservação ambiental pelos praticantes e simpatizantes das atividades de aventura na natureza.

Trajétoria Histórica do Surfe: Do He'enalu ao Surfe no Pará

O surfe é classificado como esporte de aventura, e nesses esportes o prazer é medido pelo risco, limites de liberdade e da vida. Assim Marinho (2004) descreve as atividades de aventura na natureza. Os fundamentos práticos do surf estão relacionados ao fato de o atleta deslizar sobre uma prancha, inserir-se ao mar, dominar as ondas e sentir-se sujeito ao mesmo tempo ativo e passivo diante da natureza. Ao receber grande destaque na mídia em função do desempenho de seus atletas brasileiros no esporte e, recentemente, por sua inserção nas modalidades olímpicas⁵, faz-se necessário olhar o surfe e sua trajetória, para que se tenha uma compreensão maior do seu alcance e poder.

Notadamente não existe um consenso sobre o surgimento do surfe. Knijnik e Cruz (2010) contam a origem do surfe como incerta, pois ora algumas teorias nos remetem à África ocidental, enquanto outras direcionam à costa norte do Peru, onde os nativos, desde tempos remotos, deslizavam sobre as ondas usando embarcações feitas a partir da fibra de junco⁶. No entanto, o surfe parece ter também suas raízes intimamente ligadas à cultura polinésia, em razão de que nas suas práticas culturais aconteceu o desenvolvimento da modalidade como um comportamento natural, sendo uma verdadeira instituição transmitida de geração a geração (de ascendência para descendência), entre os povos polinésios (nomenclatura utilizada para designar um conjunto de ilhas ao sul do Oceano Pacífico).

Essa prática era conhecida como he'enalu, com significação sócio religiosa para os povos polinésios, interpretada como representação da relação de comunicação com os deuses, em rituais cujo objetivo era dominar as águas agitadas do Havaí (RIBEIRO, 2003, p.25). Dentro das suas realidades, havia diferenciações no material das pranchas e na prática do he'enalu, uma vez que somente quem poderia dominar as ondas em pé

eram os reis e nobres, e o povo deveria praticar deitado sobre as tábuas de madeira, de qualidade inferior. Com as expedições ocidentais e invasões de terras, os ingleses se apropriaram da prática do he'enalu, e posteriormente adotaram a terminologia “surf”, que na língua inglesa significa "arrebentação, onda", conceituação ínfima do surfe, baseada nas primeiras aproximações da sociedade científica/industrial europeia com os moradores das ilhas. Esses povos nativos sofreram repressão nas suas práticas, já que isso era visto como uma atividade sem finalidade, principalmente atrapalhando as atividades de cunho comercial às quais eram impostas. Ela foi proibida e, somente depois que os próprios ingleses voltaram a dar destaque (RIBEIRO, 2003).

Outro fato importante na história do surfe foi a participação das mulheres, em 1920. Há relatos da participação de algumas mulheres subindo em pranchas, porém o surfe se manteve um esporte predominantemente masculino durante todo o século XX. (KAMPION; BROWN, 2003, *apud* KNIJNIK; CRUZ, 2010).

O surfe teve suas primeiras representações em terras brasileiras, o que ocorreu por volta de 1934, em Santos (SP), no litoral paulista. No entanto, somente a partir da segunda metade do século XX, é que se tornou mais expressiva a prática da modalidade. Ribeiro (2003) aponta que nos anos 1950, 1960 e 1970, a oposição às convenções familiares seduziu os grupos de jovens surfistas, identificando-os com a contracultura que buscava nas praias liberdade para se expressar, já que tais foram consideradas territórios livres durante a ditadura civil-militar no Brasil. Os surfistas desse período se caracterizavam com atitudes “contracultural”⁶ misturando-se com artistas e outros revolucionários. Nesse momento, as praias – especialmente as dos cariocas – tornaram-

⁶ Conjunto de manifestações que marcam uma revolta contra as atividades ideológicas e artísticas dominantes; “**contracultura**”, em Dicionário PRIBERAM da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013 Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/contracultura>. Acesso em: 11 dez. 2017.

se local onde essa configuração social da juventude se reunia, tornando o lugar como símbolo da liberdade de expressão que não havia no meio ditatorial urbano.

O surfe vai para além de um esporte, consiste num estilo de vida, e quem pratica o surfe está relacionado a uma série de valores induzidos pelo esporte. Os surfistas necessitam das marés para surfar e a preservação ambiental é fundamental para os amantes da modalidade, que entram em um contato direto e íntimo com a natureza, sendo necessária uma sensibilidade ímpar para compreender fenômenos naturais. O surfe e sua proximidade com o mar, a interação com as ondas, a arte de domar a natureza fascinam os surfistas e simpatizantes da modalidade (KNIJNIK; CRUZ, 2010).

A regulamentação do surfe no Brasil se deu a partir da criação da Associação Brasileira de Surf Amador (ABRASA), criada em 1987. A partir dela, foi criada a Confederação Brasileira de Surf (CBS) em 1999, tendo por finalidade central o desenvolvimento, padronização de critérios e coordenação do surf em todo o Brasil. Organizando eventos que definem anualmente o *ranking* brasileiro de surfe, utilizado como referência para competições no exterior por delegações brasileiras; no entanto, os eventos ocorrem de acordo com a disponibilidade dos patrocinadores. Na atualidade as competições de surfe são fundamentadas no controle e harmonia do surfista sobre a onda, e da sua habilidade em executar as manobras, que muitas vezes quase transcendem os limites das leis da física (RIBEIRO, 2003).

Apesar de toda a relação contracultural e estilo de vida promovida pelo surf, de acordo com Dias (2008), originalmente o surfe no Brasil esteve pautado em um padrão esportivo mercadológico, que se apropriou dos símbolos da prática do surfe, abrindo um comércio de filmes, roupas, acessório e produtos em geral. No Brasil, o contexto no qual o surfe foi inserido sempre teve a tendência de rejeitar o sentido e o significado do

surfe de contemplação e de bem-estar junto à natureza, devido à sua relação com o consumismo e mercadorização desta prática.

Nos últimos anos, o Brasil vem se consolidando como uma das grandes potências do surfe mundial. No entanto, o esporte é marcado por estereótipos e preconceitos pelo estilo de vida “de boa”, “relaxado”, “jogado”, o que causa impressões estereotipadas aos amantes da modalidade, fato que colaborou para a construção da imagem do surfista associada à desocupação, pelo tempo que os praticantes passam em contato com o mar esperando as ondas propícias. Talvez esse seja um dos principais fatores para a falta de investimento no esporte, no Brasil, que tem grande abrangência de adeptos da modalidade e raro investimento em atletas.

No Pará, a Federação Paraense de Surfe (FEPASURF) é o órgão regulamentador das competições paraenses. O surgimento do surfe no Pará teve início no ano de 1970, na praia da Atalaia, localizada em Salinópolis, por paraenses que estavam antenados com a novidade esportiva e buscavam terras propícias para o desenvolvimento desta modalidade desafiadora. “E nessa época eu lembro muito bem que aqui no Pará havia apenas em torno de uns 20 a 25 surfistas, e todos eles eram da capital, de Belém” como descreve o Colaborador 1 da pesquisa.

Assim o surfe ganhou espaço no município, tendo o primeiro campeonato de surfe ocorrido no ano de 1983, patrocinado por uma empresa multinacional de refrigerantes por ter vínculo com esse grupo de praticantes de surfe da elite de Belém, como relata o interlocutor (Colaborador 2).

[...]. Eu participei do primeiro campeonato de surfe no estado do Pará realizado na praia do Atalaia, foi patrocinado pela multinacional *Pepsi*, por uma empresa de refrigerantes, tinha um amigo nosso que era distribuidor em Belém, era da Pepsi cola [...] E quem fez o primeiro campeonato de surfe no Pará foi o Guto Delgado, e nesse

campeonato a gente tomou muita Pepsi cola e foi ótimo, foi em 1983 [...].

Até 1980, o surfe se restringia quase que exclusivamente à praia da Atalaia, em Salinas. Com a difusão do esporte, vários praticantes começaram a desbravar outras praias com o intuito de encontrar novos locais para novas aventuras; eles tinham uma espécie de grupo de viajantes conhecidos como surfstrips, prática comum no surfe mundial. Ao pensarmos o esporte, hoje, no município, ele é representado na elite do surfe brasileiro por Deyse Silva, atual campeã brasileira na categoria amadora, título inédito para o Estado. A atleta também conquistou espaço no *ranking* mundial de surfe realizado em Portugal, em 2016, ficando no entre os dez atletas mais bem colocados da competição, além de Rafael Corrêa, atual campeão paraense de 2017.

No município foi criada a Associação de Surfe e Proteção Ambiental de Salinópolis (ASPAS), que tem a finalidade de fazer essa conexão entre o esporte e a preservação do meio ambiente, e também levantar investimentos para o desenvolvimento dos atletas e do surf local.

E em Salinópolis, como está a situação dos atletas no surfe?

Possibilidade de Políticas Públicas em Salinas para Esporte e Lazer

A invisibilidade do surfe em Salinópolis, que tem representações significativas na atualidade, fica evidente pelas poucas políticas públicas voltadas para esse esporte no município. E em se tratando de ações para o desenvolvimento do surfe em Salinas, o que ocorre são organizações dos próprios atletas que, mesmo sem apoio, competem de igual para igual com os atletas que são patrocinados por grandes marcas.

E esse também é o cenário de outros esportes no Brasil, que encontra suas políticas públicas de incentivo voltadas em sua maior parte para o esporte midiático.

Como afirmam os autores:

No Brasil, duas foram as ideias que orientaram a intervenção do Estado no setor esportivo nas últimas décadas: o esporte como instrumento de ação política no plano internacional, ou seja, o esporte competitivo; e a ideia de que a prática de esportes é promotora da saúde e de uma melhor qualidade de vida da população, compensando os problemas advindos da vida urbana crescentemente modernizada, em outras palavras, o Estado de bem-estar social (BRACHT; ALMEIDA, 2003, p. 251).

O papel do poder público está pautado em assegurar o direito ao lazer para toda a população, visando ao desenvolvimento social e humano. A FAMEP⁷ declara na Lei Orgânica dos Municípios, no artigo 136 do capítulo III, que o planejamento municipal deverá ser baseado na organização da administração, exercendo suas atividades enquadradas em um processo de planejamento constante, obedecendo às características locais e aos princípios técnicos favoráveis ao desenvolvimento integral da comunidade. O processo de planejamento e definição de projetos é determinado em função da realidade local, buscando a organização dos meios para atingi-los, a supervisão de sua aplicação e a avaliação dos resultados.

O lazer é um direito conquistado e assegurado na constituição de 1988, como bem social e um direito do cidadão; o lazer é um fenômeno sociocultural que se caracteriza de maneira diferenciada, influenciada pelo momento histórico, a cultura e a política. Podendo ser compreendido como um fenômeno social complexo, que envolve um conjunto de atividades culturais, artísticas, sociais, intelectuais, manuais e turísticas

⁷ Federação das Associações de Municípios do Estado do Pará (FAMEP). Disponível em: https://salinopolis.pa.gov.br/images/Pdf/CMS_lei_organica_municipio_1.PDF Acesso em: 15 out.2017.

com a finalidade de conseguir quietude, diversão e aprimoramento pessoal e social (DUMAZIDIER, 2014, *apud* PEREIRA, 2016).

Com o passar do tempo, a globalização mudou o jeito de se pensar em lazer, as relações humanas vivem sob o império do consumismo. Por isso, é o capital que determina o que se deve fazer com o tempo de fora das obrigações de trabalho e pessoais. A construção social do lazer na atualidade baseia-se na exploração humana, na expropriação do tempo livre e no trabalho alienado. É o consumismo que colabora para uma necessidade de oposição ao modo de produção capitalista e a possibilidade de superação e emancipação por meio de vivências do lazer (BAHIA; NASCIMENTO, 2014; FIGUEIREDO, 2013).

Com a solidificação da globalização, o período histórico que marca a contemporaneidade apresentada no livro. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal* traz a representação da globalização de duas maneiras: de um lado as condições materiais e do outro as relações sociais, interpretando o processo da globalização como a morte da noção de solidariedade, levando o homem a uma situação de estado primitivo da individualidade para a sobrevivência (SANTOS, 2015).

O caráter mercadológico tem se apropriado do tempo livre da população e, com isso, vende o lazer (mercolazer, nas palavras de Mascarenhas, 2007). É até possível vislumbrar um lazer emancipatório, mas para isso é necessário assumir o projeto histórico de uma sociedade crítico-reflexiva, garantindo a todos os seus membros exercício pleno de direitos e conquista de bens e de riquezas materiais e imateriais, possibilitando democraticamente a cidadania de gozo pleno (MASCARENHAS, 2005).

E com o surfe não foi diferente: o esporte é vendido como um bem para todos os males do cotidiano da vida, tendo a funcionalidade de antiestresse e fuga da realidade.

Marinho (2009) afirma que seria relevante que, no conteúdo dos programas a serem apresentados aos visitantes fossem acrescentados elementos relativos a uma dimensão educativa mais lúdica com relação à natureza, sem, contudo, restringirem-se a seus meros aspectos práticos.

Deve haver uma sensibilidade para olhar a sociedade e atender as suas necessidades, sendo o meio ambiente considerado vetor primário para a construção de projetos. Isto, com a participação popular efetiva, gozando do pleno estado de direitos, pois ninguém sabe mais das suas necessidades do que a própria população local.

Análise e Discussão

A partir da fundamentação teórica apresentada e da tensão e mesmo das contradições apresentadas pelo surfe enquanto uma prática que transita entre o elemento da cultura corporal, com o potencial de desenvolvimento de certa reflexão crítica e preservação ambiental em contraposição ao consumismo e às tentações mercadológicas, iremos agora aprofundar a análise e discussão dos dados a partir das categorias que se destacaram nos dados empíricos.

Caminhos do Surfe no Município de Salinópolis

Ao fazermos um levantamento geral do traçado histórico do surfe no estado do Pará, encontramos, nas falas dos interlocutores, várias evidências de que a prática do surfe teve início na cidade de Salinópolis. Isto ocorreu por volta de 1980, trazido por moradores de Belém que visitavam o município nas férias escolares e feriados. “Eu tinha quatorze anos em 1982, e então já existiam surfistas em Belém, na mesma escola que eu estudava já tinha uma galera que tinha prancha e surfava”, narra o sujeito 2 da

pesquisa, ao descrever que conheceu o esporte através de revistas e começou a praticar em Salinas, integrando-se a um grupo de simpatizantes que já praticavam o surfe.

[...] Eu tive meu primeiro contato com o surfe em Belém do Pará; a gente não tem praias e a gente começou a praticar os esportes radicais através do skate, que é o ato de deslizar sobre o asfalto; então um belo dia eu passei em frente a uma banca de revistas e vi o exemplar de uma revista de surfe com a foto de um surfista estampada na capa, e eu, curioso, já tinha aquele negócio de radicalidade no skate, então eu comprei a revista de surfe e comecei a folhear e vi aqueles caras surfando nas ondas pela primeira vez [...] (sujeito 2).

Posteriormente, os próprios nativos da cidade de Salinópolis se interessaram pela modalidade intrigante e curiosa de deslizar sobre as ondas. Com o tempo o surfe se tornou popular na região. Mas uma grande limitação do esporte é o alto custo dos materiais. Na fabricação são utilizados os derivados do petróleo, matéria-prima muito valorizada; além disso, a fabricação de pranchas ainda é toda artesanal.

Analisando as falas dos colaboradores (01, 02, 03, 04, 05, 06), todos moradores da cidade de Salinópolis, verificamos que a persistência de praticar o surfe, mesmo utilizando materiais de qualidade inferior, como as pranchas monoquilhas, o *bodyboard*, tampas de isopor, entre outros, isto não influenciava; o que importava era estar em contato direto com o mar.

A única surfista entrevistada do sexo feminino descreve que começou a surfar por influência da mídia, a partir das novelas, como relata:

[...]. Eu comecei a surfar quando tinha 6 anos de idade; aí eu comecei a surfar por causa daquela novela das três irmãs, que já faz um tempo [que passou]. Como o pico das ondas era na frente de casa, aí eu ficava vendo a galera surfando lá, aí eu sempre ia surfar. Quando eu chegava lá, com uma tampa de isopor, pegava muito caldo (risos) [...]. (Sujeito 4) ⁸.

⁸ Sujeito 4: Atleta da categoria open.

A disseminação do surfe no Brasil esteve relacionada com a mídia que exercia forte influência sobre a população, principalmente sobre os jovens, que, por estarem passando pela fase das transformações biopsicológicas, são muito suscetíveis a novidades, e as características atribuídas aos praticantes de surfe pela mídia os tornaram objeto de desejo da população juvenil da época. O imaginário do corpo esbelto, de um esporte desafiador, do domínio das ondas, etc., todas essas demonstrações de força e superioridade que enchem os olhos de grande parte dos jovens, fizeram com que o surfe se tornasse um ambiente de pessoas saudáveis, bem-afeiçoadas e com alto poder aquisitivo.

O início do surfe no município teve relação direta com um grupo da elite belenense, estudantes de uma escola conceituada, talvez pelo maior acesso às mídias da época, e de poder aquisitivo para comprar uma prancha de surfe, e se locomover até a cidade de Salinópolis com uma estrutura mínima para surfar. Já alguns nativos da cidade, sem tanto poder aquisitivo, utilizavam materiais alternativos. Os descendentes de uma elite local compravam pranchas boas e logo se destacaram no cenário competitivo do surfe.

[...] Bom, eu comecei a surfar em 1985 né já por influência do meu irmão mais velho [...] e foi o primeiro surfista daqui de salinas né a comprar uma prancha, adquirir uma prancha pra começar a surfar, né pelo natal de 84, só foi começar a usar a prancha em fevereiro de 85. [...]. E já estavam começando a organização de alguns campeonatos e tudo, mas é naquele mesmo ano, é em julho de 85, eu estava fazendo meus quinze anos e pedi de presente uma prancha. Fui até Belém na Focus loja do saudoso Mauro (o Mauro Sadala) e a gente comprou uma prancha e comecei; daí naquele mesmo ano eu já fui participar do campeonato, já fui um surfista revelação [...] (Sujeito 1)⁹.

⁹ Sujeito 1: Atleta da categoria máster.

Aos atletas foi feita a seguinte pergunta: “Qual a importância do surfe na sua vida”?

A seguir, destacamos as respostas de cada um dos colaboradores da pesquisa.

Se eu parar de surfar eu morro; se eu parar de surfar eu fico triste, eu fico estressado, eu não trabalho direito, eu brigo em casa. Então, o surfe pra mim me completa (Sujeito 2).

Tem uma importância muito grande né. Afasta dos maus caminhos, né. Da criminalidade. O surfe pra mim é tudo! (Sujeito 3).

Eu faço tudo, eu sou apaixonada pelo surfe desde quando eu comecei a pegar minha primeira onda, que eu já fiquei em pé, fiquei apaixonada pelo surfe e eu amo o surfe (Sujeito 4).

O surfe é um esporte que me deu um incentivo, assim; que me dá alegria, forças; fica assim tu gosta, aí tu cai da onda, leva um caldo, aí tu te levanta. O surfe pra mim é vida (Sujeito 5).

O surfe é uma das coisas que eu gosto mais, é minha mãe o surfe, eu acordo, olho pro mar, sinto a liberdade que eu tenho (Sujeito 6).

É o meu norte existencial, o sentido de ser quem eu sou e o que me tornei; não conseguiria me ver sem estar surfando; acho que é a minha religião e filosofia de vida! (Sujeito 7).

Por meio dessas declarações, pode-se concluir que o surfe é fundamental na vida de todos os colaboradores, e que sem o surfe ficam deprimidos e sem disposição para nada. O contato com a natureza pode fazer surgir uma relação de pertencimento ao ambiente, de preservação e conscientização ambiental, invertendo a relação estabelecida pela lógica da modernidade que determina até hoje o distanciamento do homem à natureza, porque o homem, considerado animal racional, foi colocado no centro dos padrões de ação e de transformação do meio, principalmente na lógica eurocentrada, na qual, especificamente o homem europeu, tido como modelo civilizatório e de avanço, foi direcionado para uma tentativa de dominação na natureza. Em suas contradições, os surfistas parecem, não querer dominar o mar, mas, interagir com ele, na tentativa de se integrar ao meio natural e não a dominar como pressupõe a sociedade atual.

Conclusões

Diante do exposto, respondendo aos objetivos da pesquisa, ao verificar as políticas públicas de incentivo aos atletas do município de Salinópolis, não foram encontrados dados que demonstrem a ação efetiva do poder público de fomento ao surfe.

O surfe foi capaz de transformar a vida de todos os atletas que colaboraram com a pesquisa, e estes estão esperançosos e confiantes de que haverão dias melhores para esta modalidade esportiva no município. Compreendem que existe uma nova geração que carece de investimentos no cenário competitivo e que o incentivo, principalmente dos governos estadual e municipal podem contribuir com o desenvolvimento desta prática corporal na natureza em Salinópolis, ainda mais quando se pensa em uma prática social que pode contribuir para a vida de inúmeras pessoas.

Visando um desenvolvimento consciente e respeitoso na relação homem-natureza, a partir das vivências como o surfe, todos almejam conquistar esse ideal de sociedade, para que ocorram as mudanças sociais necessárias rumo à construção de uma sociedade igualitária. Investir em projetos; estruturados na educação crítico-reflexiva da sociedade acerca de suas possibilidades de ação política, atualmente é tanto necessário quanto fundamental.

A cidade acolhe as pessoas, e estas degradam o seu patrimônio natural, o seu *habitat*. Com o surfe no município aconteceu o mesmo: pessoas se aproveitaram dos atletas ganhando reconhecimento e prestígio ocorrido pelas suas posições no ranking estadual, nacional e internacional e, enquanto isso, os próprios atletas continuam na invisibilidade, muito pela falta de valorização de suas potencialidades. O município de Salinópolis necessita urgentemente compreender a sua função de protetor de seu meio

ambiente, pois a população se constitui como vetor primordial em relação às suas necessidades.

A gestão municipal estabeleceu metas para a construção de um plano-diretor de desenvolvimento dos esportes, incluindo o do surfe; no entanto, até o presente momento, o mesmo não foi elaborado.

O ideário de uma sociedade justa, igualitária e solidária é o que se almeja para o município, e o surfe pode ser uma das ferramentas que alcance esse objetivo, pois a busca de projetos sociais, com acesso igual para todos, poderá ser alcançada. Basta que todos se mobilizem na esfera social e política, e que busquem seus objetivos de maneira organizada e assertiva.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. Lugar de memória... memórias de um lugar: patrimônio imaterial de Igatu, Andaraí/BA. **Pasos: Revista de Turismo y Patrimonio cultural**, v. 6, n. 3, p. 569-590, 2008.

BAHIA, Mirleide Chaar; NASCIMENTO, Durbens Martins (Org.). **Estado, sistemas produtivos e populações tradicionais**. Belém: NAEA/UFPA, 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRACHT, V.; ALMEIDA, F.Q. A política de esporte escolar no Brasil: a pseudo valorização da educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 24, n. 3, p.87-101, maio, 2003.

BRASIL. CONAMA. Conselho Nacional do Meio Ambiente. **RESOLUÇÃO CONAMA** n.º 001, de 23 de janeiro de 1986. Publicado no D.O.U. em 17.fev.1986. Disponível em: <https://www.mma.gov.br/port/conama/res/res86/res0186.html>. Acesso em 17 ago. 2017.

BRUHNS, Heloísa T. O corpo visitando a natureza: possibilidades de um diálogo crítico. *In*: SERRANO, Célia; BRUHNS, Heloísa T. (Org.). **Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente**. Campinas: Papirus, 1997, p. 125-140.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

DIAS, Cleber Augusto G. **Urbanidades da natureza**: o montanhismo, o surfe as novas configurações do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e Cultura popular**. Tradução de Maria de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Perspectiva, 2014.

FIGUEIREDO, Silvio Lima *et al.*. Lazer, esporte e turismo: importância e uso das áreas verdes urbanas em Belém/PA/Brasil. **Licere** (Online), v. 16, p.30-45, 2013. Disponível em: https://www.anima.eefd.ufrj.br/licere/pdf/licereV16N01_a6.pdf. Acesso em: 25 maio 2015.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades**. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/salinopolis/panorama> Acesso em: 20 nov. 2016.

KAMPION, Drew; BROWN, Bruce. **Uma História da Cultura do Surf**. São Paulo: Taschen, 2003.

KNIJNIK, Jorge Dorfman; CRUZ, Livia Oliveira. Amazonas dos sete mares: a imagem corporal de surfistas brasileiras. **Revista NUFEN**, v. 2, n. 2, p.55-74, 2010.

MARINHO, Alcyane. Atividades na natureza, lazer e educação ambiental: refletindo sobre algumas possibilidades. **Revista Motrivivência**, n. 22, p.47-70, 2004.

MASCARENHAS, Fernando. Outro Lazer é possível! Desafio para o Esporte e Lazer da Cidade. In: CASTELLANI FILHO, Lino (Org.). **Gestão Pública e Política de Lazer**: a formação de agentes sociais. Campinas: Autores Associados, 2007, p.17-40.

MASCARENHAS, Fernando. Lazer e utopia: limites e possibilidades de ação política. **Revista Movimento**, v. 11, n. 3, p. 155-182, set./dez.,2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

PEREIRA, Marcela Andresa Semeghini. **O Direito ao Lazer**: construção crítica do trabalho humano valorado segundo a ordem econômica constitucional. Rio de Janeiro: NEA, 2016.

PRINS, Gwyn. História oral. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da História**: novas perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 1992, p.163-198.

RANIERI, Leilane Almeida. **Morfodinâmica costeira e uso da orla oceânica de Salinópolis (Nordeste do Pará)**. Tese, Doutorado em Oceanografia Geológica. Universidade Federal do Pará, Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geologia e Geoquímica, Belém, 2014.

RIBEIRO. Alexandre G. **Uma história social do surfe**. Monografia. Dep. História, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2003.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 24. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

Endereço das Autoras:

Emily Correa Dias –
Universidade do Estado do Pará
Campus III - Curso de Educação Física
Avenida João Paulo II - N° 817
Belém – PA – 66.095-493
Endereço Eletrônico: emilydynes@gmail.com

Patrícia Chaves de Araújo
Universidade do Estado do Pará
Campus III - Curso de Educação Física
Avenida João Paulo II - N° 817
Belém – PA – 66.095-493
Endereço Eletrônico: patriciadaraujo@hotmail.com